

## **Sobre a Pintura de Teles Júnior**

Teles Júnior foi pintor que teve predileções, cuja obra oferece uma repetição de motivos permanentes expressos numa particular visão, orientada para um realismo atingindo às vezes é certo e, lamentavelmente, a aridez fastidiosa e desagradável de um documento. E, o que é pior, um documento de paisagem apenas.

No entanto, esta repetição de motivos permanentes, esta insistência de pintar coqueiros, caracterizando-o como pintor do campo, para quem as edificações (mesmo quando antigas e pitorescas) e os tipos populares, o homem em suma, eram quase que inexistentes, coloca-o num plano superior aos pintores do seu tempo e mesmo superior à quase totalidade dos pintores de hoje.

Porque nesta insistência está a compreensão identificadora de uma paisagem característica de uma região, está a representação do cenário de uma vida social em início de formação apreendidas num relance de valores emotivos. E Teles Júnior será por isso mais tarde, como Franz Post já é para os nossos dias, uma fonte curiosa de sugestões a se manifestar nas artes decorativas e aplicadas e os seus futuros animadores terão nela uma companhia amável e encantadora.

A esta quase lírica insistência no reproduzir o mais interessante elemento de nossa paisagem, aquele que empresta à massa verde da folhagem uma vibração intensa, teria ele fornecido mais beleza e mais harmonia se realizasse uma obra de interpretação livre, um conjunto de imprevistos e incidentes caprichosos. Uma surpresa. Porque a arte de Teles Júnior não surpreende. Nem a natureza, nem ao observador.

A ele faltava a inquietação de um Cézanne, de um Signac, ou de um Gauguin. Era calmo, sereno, contemplativo; faltava-lhe a pupila aguda de um Cézanne esperando que os primeiros raios de luz do dia a nascer penetrassem no interior da Catedral de S. Giorgio, em Veneza, para sentir todo aquele interior deslumbrante reviver, surgir da sombra envolvente tomando novas formas que só ele àquela hora surpreendeu.

Diante das telas do pintor pernambucano não se tem a revelação de um temperamento único, capaz de produzir um grande entusiasmo; tem-se sim uma sensação de doçura e suavidade notável, como a de aflição e tortura, nos quadros do seu discípulo Valfrido Mauricéa.

Do que ficou dito acima não se conclua porém que a obra de Teles Júnior foi monótona; pelo contrário, é muito raro ter-se em pintura um conjunto de tão variadas impressões; mas impressões verdadeiras, profundas, que penetram profundamente a sua sensibilidade para o desejo de reproduzi-las numa como desconfiança da execução, numa insatisfação amorosa e vibrante. Assim ele pintou de um mesmo trecho de caminho, num intervalo de quatro anos, dois aspectos, fez da ação do vento nos coqueiros motivo para mais de um quadro, o ritmo isolado e altivo dos visgueiros altos, senhoriais, é tratado também por ele com freqüência, como ainda a entrada do porto do Recife, que pintou diversas vezes.

Assim, esta freqüência não resvalou para a monotonia, ficou dentro de um regime rítmico e agradável.

Mas era apenas um pintor do campo, um amoroso do verde e do corte vermelho dos barrancos, um pintor dos subúrbios a quem o Recife – cidade em que viveu a maior parte de sua vida – a quem o Recife pitoresco do seu tempo em quase nada impressionou; à sua visão escaparam essa grande exibição de fachadas que o rio proporciona, a vida das pequenas ruas cheias de flagrantes maravilhosos, o caprichoso conjunto dos telhados, das pontes e das águas, a vida do rio com os estaleiros de alvarengas e barcaças, com as barcaças que saem barra afora, e os mangues, e a pesca nas gamboas, tudo expressões de vida pernambucana que o meu

amigo Manoel Bandeira com a mesma amorosa insistência de Teles Júnior vai reunindo e colecionando e ainda dentro de uma vibração de pintura nova, intuitiva, original, sua.

Repito, foi um pintor do campo e de marinhas, não praticou a natureza morta, nunca teve jeito para o retrato e mesmo para as figuras.

Inabilidades que definem a sua sensibilidade – observando o valor da capacidade de visão sobre a sensibilidade e exprimindo-a numa noção de distância – que o impelia à sensação dos panoramas e que era pobre demais para atingir o efeito pitoresco de mais perto como sucede na natureza morta ou no retrato.

E não lhe era estranha esta impossibilidade, esta impotência da sua arte; daí abandonar completamente o retrato, gênero de trabalho que tentou várias vezes, dedicando-se exclusivamente à paisagem; porque mesmo as marinhas não eram objeto de sua muita predileção; muitos são os quadros de Teles Júnior, é verdade, onde há trechos de mar em que as ondas aparecem agitadas ou mansas, mas era porque ele queria pintar a praia com os coqueiros, a vida intensa dos coqueiros e perto estava o mar. Então pintava-o. Mas não foi um pintor de marinhas, um artista que pouco se preocupou com as embarcações, com o conhecimento da aparelhagem náutica, não estudou nem sentiu as variações atmosféricas no mar largo, as múltiplas disposições dos grandes céus marítimos. Se pintou marinhas não teve por elas uma verdadeira atração como Castagneto<sup>1</sup>, este originalíssimo Castagneto que vivia com os olhos postos no mar, na vida do mar.

E isto muito particularmente, porque como disse acima, a sua sensibilidade ou o seu poder sensorial não surpreendia e voltava-se para um campo mais fácil, que era o horizonte limitado das matas sem imprevistos de perspectiva aérea.

E não só por isso. Também porque para sentir o mar não basta viver perto dele, precisa de alguma forma ser filho de pescador como Castagneto, ter lidado com ele, ter sentido todos os seus caprichos, as suas revoltas, ou trabalhado na faina de bordo, no rude serviço de colher amarras e soltar velas.

Outros motivos muito ricos de pintura que fugiram à pupila estática do pintor Teles Júnior foram as perspectivas das velhas igrejas, das velhas casas coloniais, as festas populares, religiosas, carnavalescas com um colorido de muito sabor tropical, de muita alegria. Como se olharia mais tarde, hoje mesmo, com íntima satisfação para as telas que nos descrevessem todo o ritual das procissões antigas, do antigo carnaval, as ruas cheias de gente, o vermelho e os roxos festivos dos estandartes e das bandeiras. Bons assuntos para a documentação colorida e dos quais possuímos atualmente uma descrição muito vaga na cinza dos desenhos a carvão da época. Bons assuntos e ainda hoje bem raros são os pintores que se abalançam de tratá-los, raro um Di Cavalcanti com seu *Cordão*, raríssimo um V. do Rego Monteiro com as suas ilustrações de lendas amazônicas<sup>2</sup> onde estuda as fisionomias de nossos indígenas como Gauguin estudava as dos índios Maoris.

É estranho que havendo tantos pintores no Brasil não haja um, que eu saiba, tivesse a lembrança de fixar flagrantes de uma multidão mestiça numa festa de igreja ou num baile de clube carnavalesco.

Absolvamos, portanto, Teles Júnior desta falta e, ainda mais, porque não a cometeu para fazer uma obra fracionária e incharacterística, como muitos trazem na sua bagagem artística, misturadamente, as pontes de Paris, os canais de Veneza, os igarapés do Amazonas e até os jardinzinhos de capital paulista.

---

<sup>1</sup> Gonzaga Duque, *Castagneto, Graves e Frívolas*

<sup>2</sup> *Légendes, croyances et tal. des indiens de l'Amazonie*

Ele fez a paisagem de Pernambuco, a paisagem tão só; o homem entra nos seus trabalhos como um décor, como estas figurinhas que se põem nos projetos de arquitetura para compor o desenho. Nem mesmo o trabalho humano cheio de uma palpitação de movimento tão intensa mereceu a este apaixonado do movimento a mais ligeira observação.

Apasionado do movimento, antes obediente do movimento. Este artista que foi exclusivamente pintor da mata como disse Oliveira Lima<sup>3</sup>, que apenas fez paisagem de documento sem a interpretar, como disse Gilberto Freyre<sup>4</sup>, foi sempre um obediente do movimento.

Não estava na sua vontade, não era desejo seu animar todas as coisas, fazer em torno de sua arte agitação contínua, não uma força imperiosa de sentir mudanças de posição, deslocamento de contornos; não era um seu valor interior a se expandir, a se dilatar num domínio sobre as coisas ao alcance de sua visão, era o poder exterior de natureza agindo sobre a sua sensibilidade, submetendo-a ao fascínio da rapidez, do desordenado, do ímpeto. Obediência.

E não era expressão sugestiva, esta expressão sugestiva que fez os arquitetos do estilo gótico aproveitarem as linhas retas em feixe com o fim de realizar o movimento para o alto. Numa ansiedade de prece.

Sem interpretar, sem imaginação, presa por influências estranhas de uma necessidade de mover-se tão constante e tão aguda, ele bem conseguiu, entretanto, um belo dinamismo de paisagem.

E aí uma outra razão da sua insistência em pintar paisagem de coqueiros; não há outras em que o movimento seja mais nítido, mais visível e mais complexo. Há uma mobilidade minuciosa, variadíssima, do tronco às palmas, que concorda bem com a sua técnica toda de pormenores e precisão.

E agora sem considerar a observação de Gilberto Freyre quanto à ausência de interpretação na pintura de Teles Júnior, não só em relação ao movimento e à forma como em relação à cor, registre-se que se ao menos ao movimento ele obedeceu à cor, excetuando o verde, ele esqueceu. Esqueceu especialmente o colorido dos cajueiros roxos das folhagens novas, de uma tonalidade verde magenta, numa gradação quase musical de cores quando os verdes vão repontando um a um sobre as folhas tenras. E o colorido vivo dos mulungus, dos flamboyants floridos, toda a festa maravilhosa e policrômica destes longos verões do Nordeste, tão ricos e tão prósperos.

Ao pintor pernambucano, mais observador do que contemplativo, esta paisagem que aí está à espera de pintores teria sido objeto de muitos quadros se ele não encontrasse mais facilidade na sua observação dos coqueiros, dos visgueiros, do entrançado das matas.

E foi levado por esta pintura fácil, executada quase à primeira impressão, sem torturado trabalho interior, mas cheio de uma vibração muito prolongada, muito alegre e vicejante, que ele pintou durante anos a paisagem de Pernambuco.

E pintou quase unicamente os verdes, esses admiráveis verdes tropicais que se estendem sobre as terras planas do Nordeste, compondo-os carinhosamente na sua paleta e depois sobre a tela batendo-os com a espátula ou esgarçando-os nervosamente com a felpa dos pincéis.

Deixo falar Gilberto Freyre cuja agudeza de observação ágil melhor do que ninguém penetrou a soberba harmonia destes verdes: “Reconheça-se o interesse cada vez maior para Pernambuco da obra de Post e sobretudo da de Teles Júnior, o mestre admirável; por outro lado convém reconhecer que nenhum deles nos deixou interpretações desse verde que nos delícia e nos enlanguesce e nos serve talvez para atenuar e suavizar um temperamento ainda

---

<sup>3</sup> Oliveira Lima, artigo publicado no *Kosmos*

<sup>4</sup> Gilberto Freyre, *A pintura no Nordeste, Livro do Centenário do Diário*

assim tão ardente”. Verifica-se, no entanto, que o pintor de *Velho visgueiro* e do *Dia* tratou da melhor forma que se podia fazer no seu tempo a cor intensa da nossa folhagem e se não fixou como agora o pintor De Garo e a pintora Fédora Monteiro Fernandes mostrando “o verde doentio dos mangues e o verde vivo e puro dos coqueirais adolescentes; e dos cajueiros, mosqueado de amarelo e das mangueiras; o das convolvuláceas salpicadas no verão de frutos bravos e o do mar tropical que é dos mais rebeldes à fixidez”<sup>5</sup>, ao menos revelou uma predileção sobre todos os modos bem notável.

O principal valor da obra de Teles Júnior é a exatidão da paisagem regional, exatidão romantizada por um sentimento misto de tristeza e de alegria.

Na formação intelectual e sentimental de nossas mocidades este valor devia ser como que uma força de atração para a terra pernambucana, para a vida do campo.

Nos seus quadros está a primeira lição do nosso futuro gosto decorativo, não uma lição de mestre carrancudo e severo, com ar insuportável de sábio inacessível e perfeito, mas como um doce conselho de avô.

E apesar dessas constantes influências estrangeiras, apesar dessa freqüente interrupção na nossa expressão nacional por estes movimentos imigratórios, ele será a primeira e nunca apagada tendência, o primeiro esforço, incompleto é verdade, mas sincero e sentido, para a manutenção de nossos valores.

É lamentável, porém, que, sendo o pintor Teles Júnior tão necessário orientador para a gente jovem seja tão difícil conhecer os seus trabalhos.

Eles estão por aí espalhados em coleções particulares, diversos ainda na posse da sua família sem que qualquer governador ou prefeito se lembre de colocá-los em presença de todos aqueles que os precisa ver.

A obra de Teles Júnior é a mais verdadeira, a mais harmoniosamente sentida paisagem regional brasileira. E sob a expressão de regional encarando os diversos aspectos que esta pode apresentar de flora propriamente nativa e transplantada.

Oliveira Lima como que quer sugerir em artigo publicado no *Kosmos* de 5 de Maio de 1905 – aliás o melhor trabalho escrito sobre Teles – a inferioridade da sua paisagem do litoral com a idéia de justificá-lo em pintor da mata; no entanto, fazendo devida reverência que merece o grande espírito do Sr. Oliveira Lima, eu ousou dizer que há igualdade de significação em toda a obra de Teles Júnior e quanto a ser pintor da mata ele não o foi completamente uma vez que trabalhando sempre ao ar livre não deixou das indicações da vida da região senão o cenário, às vezes distantes, quase indistinto, dando, por exemplo, a quem não esteja habituado a ver os trabalhos agrícolas e de moagem nos engenhos de açúcar a ligeira percepção de um sítio onde vai se realizar qualquer coisa, mas que de fato não chega a se realizar.

Em toda a obra do pintor não se encontra um quadro como o de Modesto Brocos representando uma casa de farinha, as negras sentadas pelando mandiocas, todo o movimento e aparelhagem da fábrica bem visíveis. São sempre desenvolvimento de planos mais ou menos afastados, avistando-se a cada passo o contorno de uma edificação isolada, emoldurada de arvoredo. Tinha o gosto de ver de longe o pintor Teles Júnior, tons azulados, céus longínquos, céus distantes, muita luz favorecendo a análise de tons que é a sua técnica e a expansão da sua sensibilidade de nativista que amava o trabalho como um conforto de contemplação, simples e natural prazer.

Pois não se diga que este arraigado sentimento de região foi uma coisa procurada, uma pose artística como o indianismo de José de Alencar e o regionalismo do Sr. Mário Sete, trabalhosamente arquitetados na imaginação traindo a cada passo através da simplicidade

---

<sup>5</sup> Gilberto Freyre, artigo publicado no *Diário de Pernambuco*

rebuscada uns surtos de eloquência volumosa e ardorosa muito contrariamente à intenção destes escritores; o pintor sofreu, parece, uma filtração ambiente continuada e lenta durante toda a sua vida uniforme a produzir uma obra inteiriça sem desvios para outros objetivos, sem revoltas, na certeza de possuir uma verdade indestrutível. Daí a sua pintura sem comentário, sem insatisfações e sem crítica. Um puro estado de alma romântica fazendo-se realização espontânea.

Este caráter de calma uniformidade no sentimento da natureza torna-se mais em evidência fazendo-se um confronto com os quadros de Valfrido Mauricéa; o artista, parecendo mesmo “um holandês com o seu rosto gordo e corado, suas finas barbas louras”, com os seus óculos pelos quais se coava “um olhar cheio de bonomia”, mostrava pela fisionomia tudo quanto tranqüilo há revelado na sua arte. Olhe-se, por exemplo, dois dos mais agitados dos seus quadros *Ventania* e *Golpe de vento*, e sente-se a tranqüilidade dos detalhes, a precisão da minúcia – no primeiro a ação prolongada, incessante da ventania, no segundo as folhas revoltas batidas de um choque imprevisto – minúcia toda resultante de uma observação demorada e fria; os dois quadros com toda a movimentação impetuosa que possuem foram pintados por um temperamento sem crises de inquietação ou de paixão.

Teles Júnior, que tinha na maioria de seus quadros um como cuidado de lhes dar um centro de visão, um ponto que fosse a atração principal do olhar, que teve esta predileção aguda pela paisagem, que possuía tanta faculdade de observação, revela-se-nos um pintor espontâneo, sem esta qualidade de rapidez, esta agilidade à *outrance* que espanta os ingênuos e os tolos como os admiráveis passes de prestidigitação fazem a alegria ruidosa dos garotos num circo.

O sentimento da espontaneidade no seu valor predominante, instintivo e feliz, freqüenta os melhores trabalhos de Teles Júnior.

E se ele não resvalou para a agilidade, este imediatismo superficial que era uma atração na pintura de Emílio Rouede, pintor de marinhas elétricas nas kermesses de caridade, como nos diz Gonzaga Duque<sup>6</sup>, também não teve talentos de pesquisador, não desvirtuou a sua arte puramente emotiva, interpretando-a literalmente sem procurar expressões nem formular preceitos a seguir.

Foi espontâneo e livre na sua sensibilidade impressiva. Teve bravura e energia.

Friso aqui a sua maneira espontânea porque havendo nele uma tendência para o menor esforço pois, como já tive ocasião de dizer, nunca se entusiasmou por outro gênero de pintura que não fosse a paisagem, numa verdadeira indolência que o arrastava para o mais fácil, não motivou esta tendência a satisfação interior de fazer rapidamente, de surpreender pela execução em poucos minutos.

Teles foi assim regionalista no bom sentido do termo. E é esta a expressão da sua pintura que por ser paisagenada ficará sempre presente muito embora perdendo a sedução da distância no tempo que teria, por exemplo, se ela fosse fixadora de costumes, revelando mais tarde o jeito, a linha característica da época, através das festas populares, dos gêneros de habitação, da moda etc.

Mas isto era o homem, a ação vária, inconstante através dos tempos, e Teles Júnior não se entusiasmava por ela.

É até lamentável que tendo uma tão grande preocupação de pintar o porto do Recife – e o porto do Recife daquele tempo, antes das demolições e das avenidas novas, com os cais assombrados pelas gameleiras, ponto de reunião de vendedores ambulantes, de um pitoresco deliciosamente brasileiro e imperdoavelmente desprezado pelos artistas da época – não tivesse ele penetrado mais intimamente na vida do porto do Recife acompanhando os embarcações,

---

<sup>6</sup> Gonzaga Duque, *Graves e frívolas*

os marinheiros que se refaziam da monotonia de bordo nos cafés e pequenos restaurantes dos arredores tão típicos, tão cheios de cor local e que seriam para nós hoje, que já quase os não possuímos, uma doce alegria para os olhos e seriam ainda uma análise dos caracteres estrangeiros em contato com a população quase toda mestiça da nossa gente pobre.

Parece mesmo, olhando-se as telas do porto do Recife, que o pintor é um estrangeiro e – aqui desaparece toda a significação regional de Teles – que olhou a cidade de longe, superficialmente – em verdadeiro contraste com as suas outras telas.

E dizer-se que ele empregou nestes quadros tanto tempo e tanto dinheiro (porque são quase todos de grandes dimensões) e até mesmo para fixar uma simples maneira de desembarque de passageiros dos grandes paquetes que não podiam entrar no porto, uma coisa vulgar e mesmo de alguma maneira humorística, ele compôs um grande quadro quando poderia exprimi-lo melhor num simples desenho.

Talvez se encontre aí um erro de proporção que eu tento explicá-lo notando que no início da sua vida ele foi destinado à carreira de bordo e a importância que ainda jovem ele deu a este fato não se apagou de todo e achou que o *Araguaia* no porto, lembrando um cartaz de companhia de vapores, podia assumir proporções de um grande quadro, resultando apenas um trabalho demorado que a fotografia nos dava com mais precisão e mais rapidez.

Um erro de proporção numa obra tão meticulosamente certa, mas explicável, não só pelo que está acima, mas ainda por ser um dos seus únicos quadros onde há comentário e alguma preocupação mental, ele sendo um pintor tão avesso às preocupações mentais.